

ALMA PAMPA

Apparício Silva Rillo

Os ossos
Como signos de cal.
A ferrugem
Nos ferros enterrados.
Alicerces de pedra-moura
Naufragados
Sustentam século e meio de madeiras
Róidas pelos ratos da intempérie.
A memória do vento
Guarda o berro do boi
E o relincho de guizos dos potrilhos.
Por debaixo do pasto
A cicatriz das cambotas das carretas
-as que geram cargas nos repechos
e atropelaram bois- do- coice nos lançantes.
No palanque de pau-ferro
-dentre tudo o que tombou o que resiste-
a página do cerno
e nela a caligrafia da marca- de- ferro dos senhores
-desses de que resta a identidade
nos papéis imperiais e batistérios.

Aqui foi a estância...

Exatamente aqui,
Nesta fralda de cerro
Que se derrama até o risco do horizonte
A sublinhar-se no céu que beija a terra.

Os aramados,
As taipas arrozeiras
Aprendem geometria nestes rasos
Onde cavalos de guerra e seus ginetes
Mediram arrobas de audácia nos combates
Que a história resguardou em seus retratos.

Quando a terra de ninguém se tornou pátria
O braço miliciano ergueu a estância
Trocando a espada pelas boleadoras.
Ninho e fortim
A um passo da fronteira
-de um lado o português,
do outro o castelhano-,
era um pássaro de pedra, vigilante,
com um topete bagual vinchado a cores
de brasões imperiais e de bandeiras!

Foi a pega do boi,
Foi a doma do potro,
A rendição dos xucros e alçados
Aos instintos dos bugres e mestiços,
-esses os donos legítimos da terra
que o Império repassou,
em papéis brasonados,
a áulicos,
guerreiros,
comandantes...

Era o campeiro a se formar no tempo
Moldando aos poucos a futura estampa
Do que seria, mais tarde o construtor
Da economia pastoril do pampa.

Fomos vê-lo, depois ao sul do continente,
Já misto de gaudério e de soldado
-trabuco a mão e cabeleira ao vento,
como um duende a cavalo na Campanha
a rechaçar as ambições de Espanha
nos muros da lendária Sacramento!

Peleou em Santa Tereza,
Na Vila do Rio Grande e São Miguel.
D. Juan Salcedo conheceu-lhes as manhas
Quando o grande capitão Pinto Bandeira
Passou como um tufão por estes nortes
Retornando os bastiões de Portugal.

Conquista das Missões, anos depois.
Aventureiro e soldado, acompanhou
Pedroso e Borges do Canto nesta gesta
Que foi um bronze sonando de bravuras.
Não mais que quarenta valentes galopando
-os que deram a Portugal o comarcado
que tem o rio Uruguai na extremadura!

Da simbiose do gaudério e do soldado
-acabada expressão do trabalho e da guerra-
um novo tipo social então surgia
quando o Século Dezenove amanhecia
nos horizontes de uma nova terra.

E os anos foram passando...
Gente morria e nascia.
Só a estância continuava
Nas léguas de sesmaria.

Campanha da Cisplatina,
O Decênio dos farrapos.
A Guerra do Paraguai
Levando os tauras dos ranchos,
Deixando as mulheres sós.
Um dia, Noventa e Três
Lançando irmão contra irmão
E a degola a fio de faca
Plantando rubros no chão.

Os chefes, quando voltavam
Do fumo destas batalhas,
No largo peito ostentavam
Medalhas de prata e ouro,
Enquanto os peões mostravam
-a láurea dos infelizes!-
o rasgão das cicatrizes
cunhadas no próprio couro.

A ampulheta do tempo e sua areia
A escorrer como um rio as suas águas...

E, de repente,
A mudança inexorável!

O campo se transforma,
O trabalho se transforma,
O patrão se transforma,
As mulheres e homens se transformam.

É o alambrado que chega.
É o potreiro que chega.
É a mangueira que chega.
É a estrada que chega.
É o trem-de-ferro que chega.
É o moinho- de -ferro que chega,
E se põe a girar,
A girar
E a girar,

Como a vida girou
E em seu giro passou
O peão a "pião":
um brinquedo a rodar
Na poeira do chão,
À sombra de sua sombra
Sob a sombra do patrão.

Os de hoje,
Viemos desses ossos e destroços,
Dessas misérias e altaneiras,

Desses rasgões no couro e desses ouros!
Viemos do relincho dos potrilhos,
Do laço a tironear aspás de touro!

Os de agora,
Viemos do churrasco e da caúna
Verdeando mates pelas madrugadas!
Das arreadas de alçados, dos rodeios,
Do seio de uma gaita e seus gorjeios,
Do relâmpago de adagas nas peleias,
Dos cemitérios de campo e das taperas.

Temos os traços ancestrais dessas figuras
Aprisionadas no recuerdo dos retratos
Que sustentam paredes nas molduras.

As carretas do tempo sofrem eixos
A sustentarem cargas de naufrágios
De que somos herdeiros e salvados.

Os do presente,
Os de hoje,
Os de agora,
Somos ponteiros dessa trajetória,
Fimbrias gizadas a contar do centro
No cerno de pau-ferro dessa estampa.

Por isso a vertical de nosso orgulho
Que se levanta, gaúcha e pêlo-duro,
Da alma pampa que nos há por dentro!